

O Sr. José

Arnaldo Saraiva*

Há o José, os Josés, da Bíblia: o sonhador e afectuoso filho de Jacob (que comparece em trajes modernos no *José e seus Irmãos* de Thomas Mann), o obediente e dedicado carpinteiro que foi esposo de Maria (e que em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* carrega pesadas culpas), o que passava por ser um dos irmãos de Cristo, o que nascera em Arimateia e cuidou da sepultura deste, o que também chamavam Barsabás, ou O Justo, e poderia dar testemunho da sua ressurreição.

Há o apaixonado e criminoso D. José da *Carmen* de Mérimée.

Há o infeliz e enigmático José K. de Kafka.

Há o perdido ou desesperado José do livro *José* e do verso “E agora, José?” de Drummond, verso que José Cardoso Pires usou como título de livro.

E há o Sr. José de José Saramago, ou do seu romance *Todos os Nomes*. Curiosamente, neste romance (de personagem), tirando quatro – salvo erro – sintomáticas referências ao nome de Ariadne, a mulher que ajudou Teseu a sair do labirinto de Creta, só o único protagonista tem nome; um nome todavia sem os apelidos do pai e da mãe, um nome cristão, um nome vulgar ou comum, como um qualquer, afinal um Zé Ninguém, que não deixa de o ser pelo facto de ser tratado por “senhor”; este “senhor” pode em bom português ter “modulações distintas como sejam as da condescendência, da irritação, da ironia, do desdém, da humildade, da lisonja”, mas no caso parece insinuar apenas a “insignificância da personagem”.

O personagem, que anda pelos 50-52 anos, que é há 25 anos discreto, “competente, metódico e dedicado” auxiliar de escrita numa Conservatória do Registo Civil, onde tem de lidar com nomes que, como se a vida ou a morte fossem “meros papéis”, tanto podem ser de vivos como de mortos, alguns dos quais até podem ter sido enterrados no vizinho Cemitério Geral, acabará por se revelar um grande senhor, sem nenhuma ironia, até porque tem de se confrontar com a tragédia. Perseguido pela “ideia fixa” de preencher devidamente o verbete de uma mulher desconhecida, entrega-se a uma pesquisa, às vezes desesperante, que o leva a perguntar-se “E agora, José” e que acabará na revelação de que essa mulher, de quem tão perto andou, morrera inesperadamente.

Tal revelação dá-se evidentemente com outras. Esta, por exemplo: a de que, anónimos ou famosos, “só podemos ser o que não somos”. Ou esta: “o que podemos encontrar é o que perdemos”. Ou esta: não é a morte que é sagrada, “a vida é que é sagrada”. Ou estoutra: “esta que se chama vida” “está situada entre o nada e o nada”.

Agora que o perdemos, que bom poderemos ainda encontrar ou reencontrar em “meros papéis” o antigo serralheiro e autodidacta da Azinhaga, o famoso e grande Sr. José – Saramago.

Nota explicativa

* Doutor pela Faculdade de Letras do Porto, Portugal. Professor, ensaísta e cronista português.